

# MAR EM... CORUCHE

Na história da Terra registam-se avanços e recuos dos níveis marinhos (transgressões e regressões) que provocaram mudanças significativas na linha de costa.

É sabido que o arrefecimento climático origina a formação de glaciares. Que a água neles retida reduz a quantidade de água no Oceano, logo aumenta o território junto à linha de costa.

Ainda no Paleolítico, há 18 mil anos, o mar era 130 metros mais baixo que hoje! Vivia-se um período glacial, de frio intenso. Caçadores-recolectores em busca de alimentos viam-se condicionados pela distribuição, quantidade e variedade dos recursos alimentares. No entanto, nos vales de grandes rios, como o Tejo e outrora o Sorraia, os instrumentos de pedra lascada são testemunhos dos seus acampamentos temporários, integrados num território rico em caça e vegetais comestíveis. Assim aconteceu nos sítios do Monte do Borralho, Sabugueiro, Cascavel, Azervada...

Em contrapartida, há cerca de 10 mil anos, o nível do mar terá subido mais de 40 metros em apenas dois mil anos. O aquecimento global provocou o degelo. A água daí resultante acrescentou massa líquida ao Oceano. Consequentemente, a linha de costa recua. Há territórios que ficam submersos e os grupos humanos vêm diminuir a área de recolha de alimentos. Ao mesmo tempo surgem os primeiros pastores e agricultores, com registo arqueológico nas Casas Novas (Azervadinha/Coruche). Já lá vão quase 7 mil anos!

E há cerca de 5 mil anos o mar voltou a subir e atingiu aproximadamente a cota actual. Esta transgressão marca o início do período que vivemos (interglaciar), caracterizado por temperaturas médias mais quentes. Era, então, o cabeço do Pé da Erra rodeado por dois braços de rio (o Sorraia e a ribeira da Erra) e habitado por uma comunidade humana dedicada à agricultura, ao pastoreio, mas também à metalurgia do cobre e ao fabrico de placas de xisto.



Há apenas 2 mil anos os barcos romanos chegavam a Coruche. Fragmentos de ânforas comprovam-no. A jusante, a estação romana da Zambaninha, terá, supostamente, presenciado o ponto de interface entre o rio e a “ria” (braço de mar), não obstante alguma variabilidade na sua definição.



Apesar do assoreamento que tornou impeditiva a chegada das marés a Coruche [mas não das gaivotas...!], ainda hoje, sempre que as cheias inundam este vale, convertido numa planície aluvial, é possível obter uma imagem aproximada do que teria sido o aspecto deste braço de mar - a ria flandriana do Tejo - e o de outros cursos de água da região. Assim, o grande mar, que foi o actual estuário do Tejo, incluía também o vale do Sorraia, cuja travessia foi, durante séculos, naturalmente favorável a montante da vila, junto à Erra.



Corte estratigráfico, Monte do Borralho (Coruche)



Biface, Monte do Borralho, Coruche



Raspador, Herdade do Vinagre, Coruche

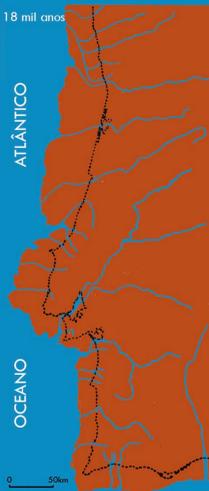
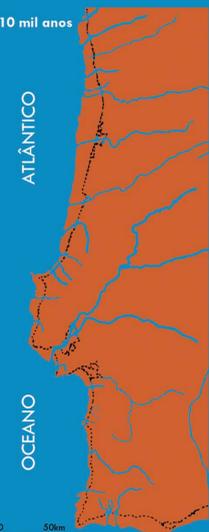


Ilustração das primeiras comunidades agro-pastoris (Helena Diogo)



Paleo-estuário do Tejo (Base cartográfica de Daveau, 1994)



Placa de xisto decorada, Anta de Vale Beiró, Percurso da Água Doce

